

HISTÓRIA E HISTÓRIAS NO PRESENTE: CONFIGURAÇÕES DO SABER HISTÓRICO ESCOLAR EM UM CURRÍCULO EM MUDANÇA

Sonia Regina Miranda*
Fabiana Rodrigues de Almeida**
Rita de Cássia Mesquita de Almeida***

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar os frutos de um projeto de pesquisa, realizada entre os anos de 2007 e 2009 em Juiz de Fora-MG, cujo foco era uma escola do citado município, a Escola Municipal José Calil Ahouagi. Inserido no Grupo de Pesquisa *História Ensinada, Memória e Saberes Escolares* (PPGE-UFJF), o projeto buscou verificar - refletindo sobre pressupostos a metodologia da Pesquisa-Ação (ZEICHNER, 1998) ainda que sob bases de uma pesquisa participante- de que maneira os docentes dessa escola, que possui uma realidade de profunda reconfiguração curricular, reorganizam as bases fundamentais de seus saberes e práticas pedagógicas. Além disso, o texto buscará explicitar os frutos gerados por essa pesquisa, no que tange a participação de alunos em percurso de construção profissional, e o que um trabalho de iniciação científica pode proporcionar em termos de crescimento e inserção acadêmica após a conclusão dos cursos de graduação.

Palavras-Chave: Ensino de História. Memória. Infância. Currículo. Cultura Escolar.

1 Introdução

O texto que ora se apresenta é fruto do projeto de pesquisa *HISTÓRIA E HISTÓRIAS NO PRESENTE: Configurações do saber histórico escolar em um currículo em mudança*, realizado entre os anos de 2007 e 2009 numa escola pública da periferia de Juiz de Fora-MG. A pesquisa se insere no Grupo de Pesquisa *História Ensinada, Memória e Saberes Escolares*, constituído no interior do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e que, atualmente, possui em torno de 20 participantes, em diferentes níveis de formação: graduandos, mestrandos e doutorandos; professores da UFJF e da rede de ensino público e privado de Juiz de Fora-MG. Uma configuração tão diversa proporciona um grande espaço de aprendizagem, pois o contato com pessoas em diferentes períodos da vida profissional se torna extremamente relevante para todos os participantes. O Grupo de Pesquisa, criado e coordenado pela Profa. Dra. Sonia Regina Miranda, originou-se em 2005, com o foco na reflexão relativa aos múltiplos processos de aprendizagem da História que, segundo Jörn Rüsen (2001, 2007a, 2007b), estão além do conhecimento cânone, ensinado exclusivamente dentro da escola. Aos poucos, as investigações deslocam-se “para a compreensão de processos sociais mais

* Professora Orientadora da Faculdade de Educação – UFJF - sonia.miranda@ufjf.edu.br
* Graduada e Mestranda em Educação na UFJF e Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq)
* Graduada e Mestranda em Educação na UFJF e Bolsista de Iniciação Científica (PROBIC/FAPEMIG)

amplos que se imbricam com esse plano de aprendizagem, ou seja, as diversas práticas de Memória e as formas de produção de memórias subjetivas, sociais e públicas (LE GOFF, 1994; LOWENTHAL, 1998; HABERMAS, 1984; MIRANDA, 2009). Nos encontros, procuramos discutir sobre as relações que se processam entre a **história aprendida na escola** - como conhecimento formal, que não pode ser desconsiderado - e a **história aprendida no mundo** - que se apresenta demasiadamente importante, e muitas vezes é ignorada no plano escolar, ou vista como submissa àquela. Temos focalizado essas reflexões sob o ponto de vista da compreensão da dinâmica de produção e transformação de saberes tanto de professores quanto de alunos, posto que a possibilidade de ensinar através do conhecimento que o aluno já traz consigo faz com que o professor altere sua prática, e com que o aluno modifique a sua forma de compreensão do conhecimento que lhe é apresentado. Assim, o Grupo de Pesquisa busca compreender melhor como essas práticas de Memória que atravessam o saber histórico escolar podem se tornar *“importantes coadjuvantes no processo de construção, pela criança e pelo jovem, de conceitos de tempo, passado e mudança que virão a ser mobilizados no espaço escolar.”* (MIRANDA, 2009).

Em meio a convivência com pessoas tão diferentes, é de suma importância que se tenha ouvidos e olhos bem abertos e atentos àquilo que o outro apresenta, para que, dessa forma, esse diálogo possa contribuir para nosso crescimento pessoal e acadêmico. E foi isso o que ocorreu no primeiro projeto de pesquisa do Grupo, realizado entre os anos de 2005 e 2006, cujo objetivo era investigar as relações entre elos geracionais e aprendizagem histórica da criança (MIRANDA, 2006). Durante essa pesquisa nos deparamos, por acaso, com uma escola singular: a Escola Municipal José Calil Ahouagi, situada no bairro Nova Califórnia, em Juiz de Fora-MG. A singularidade desta instituição situa-se em dois polos centrais: em primeiro lugar, muito antes da promulgação da lei 10.639, que instituiu a obrigatoriedade dos estudos sobre História e Cultura Afro-brasileira, a escola já buscava desenvolver sistematicamente, e com grandes impactos na organização curricular, ações que priorizavam a discussão da identidade étnico-racial e, a partir desse ponto, a escola se transformou por completo. Em segundo lugar, está a opção por um arquivamento constante de tudo o que emerge do trabalho pedagógico desenvolvido e do que é produzido por seus alunos e professores, que na pesquisa denominamos por “vontade de memória”: um movimento contínuo de arquivamento de todos os trabalhos pedagógicos produzido na escola, que começou de forma muito intuitiva, mas que apenas revela intensa sensibilidade para aquilo que pode ocorrer além do visível. Com isso, deparamo-nos com essa inquietante e densa vontade de memória, algo que, do ponto de vista da cultura escolar, constitui uma ação pouco usual pois, de um modo geral, as escolas descartam tudo o que lhes diz respeito em termos de como o cotidiano se faz e guardam apenas registros burocráticos.

Diante de tal cenário, diferenciado e sedutor, iniciou-se o projeto de pesquisa, desenvolvido entre os anos de 2007 e 2009 e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), pelos programas de bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFJF. Na pesquisa interessou-nos investigar acerca das configurações do saber histórico escolar neste contexto de inovação curricular já existente nessa escola, compreendendo *“em que medida o saber histórico escolar, entendido em sua complexa relação de saberes próprios que se amalgamam no contexto da escolarização, opera com aspectos da consciência histórica e das representações acerca do tempo e da história que são transversais à escola”* (MIRANDA, 2009).

2 História e histórias de pesquisa: caminhos investigativos

A pesquisa desenvolveu-se na Escola Municipal José Calil Ahouagi, com 40 anos de existência, e que atende a uma população de baixa renda residente na periferia urbana de Juiz de Fora-MG. A escola se organiza em ciclos de formação e desenvolvimento nos quais os alunos são agrupados da Educação Infantil ao final do Ensino Fundamental. Como já fora ressaltado, a escola apresentava modificações

curriculares com destaque para o estudo de temáticas africanas e afro-descendentes por volta do ano de 1998. Quando chegávamos à escola, era visível que não se tratava de mais uma. Os desenhos expostos nas paredes eram de beleza ímpar: o trabalho de modificação da estética artística, imbricada de características africanas, nos proporcionavam desenhos espontâneos e extremamente coloridos. Esse é apenas um exemplo do quão diferente era esta instituição. A estrutura curricular presente era atravessada por um eixo denominado Estudos Antropológicos, com ênfase em temas relativos à diversidade e às relações étnico-raciais, que visava integrar as demais áreas curriculares, tais como: Linguagens (oral, rítmica, musical, cênica, corporal, estética e gestual); Vida, saúde e experiências socioculturais; e Experiências matemáticas.

Se o objetivo dessa reestruturação era a preocupação com o fim do preconceito existente na escola e uma revisão dos processos de construção da identidade afro-descendente desses alunos, os professores foram - e muito - afetados por todas essas modificações. Sabe-se que o currículo é algo muito naturalizado, e por vezes nos esquecemos de que ele é uma construção constante e, por conta disso, pode ser modificado. Ainda assim, é difícil nos desligarmos daquilo que está tão arraigado no cotidiano. *“De acordo com Ivor Goodson (2001, p. 7), o conhecimento corporificado no currículo não é algo fixo, mas um artefato social e histórico, sujeito a mudanças e flutuações. O currículo, tal como o conhecemos atualmente, não foi estabelecido, de uma vez por todas, em algum ponto privilegiado do passado. Ele está em constante fluxo e transformação”* (MIRANDA, 2009, p.20). Como alunos e professores reagem diante de mudanças tão profundas? Diante disso, a pesquisa se direcionou no sentido da compreensão do que acontece com esse atores escolares nesse percurso de reconfiguração curricular, e de que modo os professores reorganizam as bases fundamentais de seus saberes e práticas pedagógicas.

Para isso, tivemos como questões norteadoras as seguintes indagações: “O que acontece com uma escola e seus atores durante um percurso de mudanças curriculares e modificações profundas em termos de cotidiano e cultura escolar?” “De que modo os agentes envolvidos no processo de mudança curricular operam com a dimensão epistemológica inerente à História, particularmente quando esta área de conhecimento passa a ser assumida com uma posição central no interior do trabalho escolar?” “Em que bases se constituem as dissonâncias e resistências aos processos de mudança?” “De que modo os professores reorganizam as bases fundamentais de seus saberes e práticas pedagógicas e em que medida os saberes derivados de repertórios já constituídos se mesclam com novas práticas e paradigmas quanto à organização dos tempos-espacos escolares ou, dito em outras palavras, porque um professor muda e outro se recusa a mudar suas práticas em um cenário que fomenta tais mudanças?”

Como metodologia, adotamos a proposta de Pesquisa-Ação, na perspectiva de Kenneth Zeichner (1998) e que, nas palavras de Barbier (2002), obriga o pesquisador a implicar-se diretamente na investigação.

Ele percebe como está implicado pela estrutura social na qual ele está inserido e pelo jogo de desejos e de interesses de outros. Ele também implica os outros por meio do seu olhar e de sua ação singular no mundo. Ele compreende, então, que as ciências humanas são, essencialmente, ciências de interações entre sujeito e objeto de pesquisa. O pesquisador realiza que sua própria vida social e afetiva está presente na sua pesquisa sociológica e que o imprevisível está no coração de sua prática. Mais e mais, ele percebe que as metodologias tradicionais em ciências sociais devem ser retomadas, desenvolvidas e reinventadas sem cessar no âmbito da pesquisa-ação. Esta não exclui os sujeitos-atores da pesquisa. O pesquisador descobre que na pesquisa-ação, que eu denomino pesquisa-ação existencial, não se trabalha sobre os outros, mas e sempre com os outros (BARBIER, 2002, p. 14).

Com base nessa perspectiva, os sujeitos da pesquisa eram os professores diretamente envolvidos na ação transformadora em curso na escola. Desse modo, buscamos fazer uma releitura de tudo

aquilo que os professores se propuseram a guardar das atividades da escola. A partir disso, iniciamos a produção de um novo artefato de memória: pequenos vídeos, com base na linguagem audiovisual e nos caminhos teóricos traçados por Almeida (1996, 2001) acerca do tema. Foram produzidos três vídeos particulares - *Memórias, Sensibilidades e Entre-palavras* - para os casos onde o processo de seleção e arquivamento dos sujeitos envolvidos era algo latente. Para os casos em que tal processo de guarda não era possível, foi utilizado um vídeo-clipe de caráter institucional que expressava nossa leitura, como equipe de pesquisadores externos, daquilo que se mostrava externamente em relação à escola. Esses vídeos eram utilizados durante a entrevista como uma alternativa metodológica de ativação das memórias individuais por meio de uma linguagem que, em si, constitui memória e seleção.

Buscamos, em nossa pesquisa, analisar como uma comunidade escolar, em que pese seus professores, age quando deparada com um movimento de renovação curricular. E percebemos que a (re)construção do saber se dá, por vezes, através do que Charlot chamou de “confrontação interpessoal” (CHARLOT, 2000, p. 61), ou seja, o docente (re)aprende a partir dos confrontos que ele estabelece consigo e com seus pares num determinado tempo, pois consideramos a ação deste último fundamental na consolidação do saber.

Não obstante, devemos destacar o papel da gestão escolar como suporte centralizador no processo de renovação das bases de saberes no interior da própria escola, cuja reflexão priorizou a relação étnico-racial. Suzanne Citron ratifica tal relevância ao considerar:

Uma educação centrada no sujeito é prioritária no contexto de desestruturação social e cultural que é o da nossa época. Ela necessita que a instituição escolar seja desburocratizada para romper com um sistema de saberes que só se ‘aguenta’ pela defesa dos territórios profissionais, nos quais a lógica conjunta do poder de Estado e das pressões corporativas encerrou o “conhecimento” (CITRON, 1996, p. 116).

A valorização desse novo olhar sobre si e sobre o mundo proporcionou uma nova concepção de cultura curricular. Isso nos foi possível perceber a partir das memórias evocadas durante as entrevistas, em que se evidenciaram formas particulares de apropriação de saber que estão para além da mera acumulação de conteúdos.

De acordo com Tardif (2002), o docente estrutura seu saber em bases heterogêneas, ou seja, podemos dizer que o professor recebe ao longo de sua vida diferentes estímulos e interage com diferentes processos de formação histórica – se considerarmos a perspectiva analítica ensejada por Rüsen (2001) – que auxiliam e/ou endossam a construção de seu saber.

Nesse sentido, consideramos que o docente é um sujeito social, que tem sua ação pedagógica marcada pela junção de saberes especializados e aqueles advindos de experiências particulares. Tardif reforça que de fato *“os professores utilizam constantemente seus conhecimentos pessoais e um saber-fazer personalizado (...) fiam-se em sua própria experiência e retêm certos elementos de sua formação profissional.”* (TARDIF, 2002, p. 213).

Para entender como os docentes da E. M. José Calil reorganizam seus saberes numa escola cujo currículo está em vias de construção, foi necessário percorrer, através das entrevistas, suas trajetórias de formação pessoal e profissional. Deste modo, buscamos perceber nas falas dos docentes as relações que cada um estabelece entre o seu saber de referência e a organização de novas formas de saber institucionalizado postas em movimento no interior de um espaço escolar diferenciado.

Através da releitura dos artefatos de memórias, concebidos nos vídeos, os professores tiveram suas memórias evocadas e suas práticas pedagógicas confrontadas, gerando diferentes (re)significações. Podemos dizer que a partir das entrevistas nos deparamos com três cenários dentro da escola, no que se refere às formas pelas quais os professores (re)estruturam seus saberes. Em um primeiro cenário, nos

deparamos com uma professora de literatura infantil cujo saber ia exatamente ao encontro do que a escola propunha. Ela nos contou que ao longo de seus 25 anos de magistério, jamais tinha encontrado um lugar onde suas idealizações pudessem ser colocadas em prática, sobretudo encontrar apoio entre os pares num projeto comum: *“Eu encontrei no José Calil, e que foi diferente de outras escolas que eu trabalhei, foi uma parceria nos projetos. E isso faz muita diferença.(...)”*

Em um segundo cenário nos deparamos com uma professora de História com um percurso de vida profissional marcado pela militância. Tal experiência se faz notar durante toda a entrevista pela apropriação de um discurso preocupado com as questões sociais, de modo a buscar, com base nesse discurso, uma legitimação para seu modo contemporâneo de compreender a escola e seus sujeitos. Ao ser questionada sobre sua organização de saberes dentro de uma escola que ainda procura o caminho de sua efetivação, se mostrou bastante relutante aos princípios incorporadas pela escola. Do ponto de vista da professora, sua ação pedagógica tem um peso maior no futuro das crianças do que a ação dos professores que abraçaram o novo currículo que inclui as manifestações artísticas como saber legítimo.

Nosso último cenário tem como foco duas professoras com formações distintas, uma graduada em pedagogia e outra graduada e mestre em História. Porém ambas (res)significaram seu saber a partir das dinâmicas curriculares e pedagógicas adotadas pela escola. São dois casos que revelam como a experiência de aprendizagem se modifica com a experiência com o lugar. Nas narrativas das duas professoras, a perspectiva de confronto desponta como o primeiro ato de rememoração e avaliação da própria prática no interior da escola:

meu primeiro mês lá foi muito chocante, essa eu acho que é a palavra, porque chocou com tudo que até então eu tinha referência, entende? Depois de uns 15 dias que eu tava dentro da sala de aula eu comecei a perceber como que seria a minha prática, porque até então eu tinha um pensamento de prática, não vou me enquadrar dentro da prática tradicional porque, na verdade não me enquadrado assim, mas uma prática muito vinculada mesmo a um ensino mais sistematizado, e a escola não se propõe a isso. E aí, isso também me chocou, o primeiro semestre de lá, foi um semestre de muito embate meu comigo mesma.

É no exemplo das duas professoras que reconstroem seu saber diante de uma nova situação que encontro sentido ao que Tardif considerou como

Compreender os saberes dos professores é compreender, portanto, sua evolução e suas transformações e sedimentações sucessivas ao longo da história de vida e de uma carreira; história e carreira que remetem a várias camadas de socialização e de recomeços. (TARDIF, 2002, p. 237).

Os cenários analisados nos revelam que a relação que o docente estabelece com o lugar institucionalizado da escola não é isento de repercussões na vida do professor, sobretudo no cumprimento de suas ações, seja ele encontrando espaço para desenvolver um trabalho idealizado, seja ele resistindo à mudanças, ou seja ele (re)modelando sua prática.

Nossa experiência nessa pesquisa proporcionou um novo olhar para a escola, sobretudo para o professor e para as formas como este vai reorganizando, em uma comunidade particular de ouvintes, como é o caso da escola, as bases de seu saber. O José Calil nos alertou para a capacidade demonstrativa que uma mudança engendra no ensino de História, e para além dela, redefinindo toda cultura escolar. A pesquisa serviu para reforçar em nós a convicção de que nenhuma mudança curricular mais profunda pode ser configurada a partir somente de um único protagonista, no caso o professor de História. Contudo, a consideração da essência das bases epistemológicas da História para

a tomada de decisões em relação ao currículo pode, sem dúvida, protagonizar e constituir mudanças substantivas para um cenário mais abrangente ou, ao menos gerar elementos emblemáticos a partir dos quais outros sujeitos e/ou instituições possam buscar reinventar tradições.

Os trabalhos gerados a partir dessa pesquisa revelam a profundidade reflexiva que envolveu tal investigação. Sob a discussão da memória e cultura escolar, já foi produzido uma dissertação de mestrado defendida por Pellizoni (2007), e uma tese de doutorado, em fase de conclusão, de Andréa Borges Medeiros, ambas participantes da pesquisa na condição de agentes diretos do processo de transformação da escola, respectivamente, professora e diretora da instituição durante o período de desenvolvimento dessa investigação. Foram produzidos, ainda, artigos publicados e apresentados em congressos específicos da área de ensino de história.

Os caminhos percorridos na pesquisa também deixaram sementes no que se refere à formação do aluno de graduação para a pesquisa, sobretudo para a pesquisa em Educação, e que hoje se fazem notar através do ingresso das duas bolsistas participantes no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora. Cada qual, através da pesquisa, teve seus horizontes ampliados nos debates em torno da memória e do ensino de história proporcionado pela pesquisa. Rita de Cássia M. de Almeida hoje discute no curso de Mestrado em Educação (PPGE-UFJF) como se dão os usos e contras-usos de um lugar de memória da cidade por alguns de seus praticantes ordinários (CERTEAU, 1994), ou seja, por aqueles que o percebem no cotidiano, e, com isso, as possibilidades proporcionadas por essa ausculta para se pensar Ensino de História e Memória, sendo este um desdobramento de seu trabalho de conclusão de graduação (2008) nascido e desenvolvido no interior da E. M. José Calil. Fabiana Rodrigues de Almeida direciona seu olhar no Curso de Mestrado em Educação (PPGE-UFJF) para a discussão da memória e da formação histórica dos alunos através dos livros didáticos de História, tendo a pesquisa lhe oferecido base para pensar como o sujeito organiza seu saber quando este é atravessado pelo fio da memória, não obstante sua pesquisa de conclusão também atravessou tais discussões.

Neste sentido, fica para nós que uma pesquisa não se encerra em si. A partir dela novas questões, novos incômodos e novos desejos nos impelem para novas reflexões. Contudo, as discussões geradas no interior do processo investigativo do qual nos referimos, e que teve seu reconhecimento acadêmico ratificado através da premiação cedida pelo CNPq, foram consistentes e deram suporte teórico e metodológico que um pesquisador em iniciação necessita para o desenvolvimento pleno de uma pesquisa.

Referências

ALMEIDA, M. J. de. As aproximações em forma escrita sobre as imagens da pintura e do cinema. In: MIGUEL, Antonio; ZAMBONI, Ernesta (Orgs.). **Representações do espaço: multidisciplinaridade na Educação**. Campinas: Autores Associados, 1996. p. 3-9.

_____. **Imagens e Sons: A nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, F. R. de. **O que se quer contar?: Memória e Consciência Histórica nos livros didáticos de História**. (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

ALMEIDA, R. de C. M. de. **As crianças e a cidade: laços, nós e fios narrativos**. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em História) Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

_____. **Palimpsestos Urbanos: juventudes nas cidades (in)visíveis**. Mestrado em curso. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

- BARBIER, R. *A Pesquisa-Ação*. Brasília: Líber-Livro, 2002.
- CHARLOT, B. *Da relação com o saber*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- _____. *Formação de professores: a pesquisa e a política educacional*. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. **O professor reflexivo no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002 p. 89-100.
- CITRON, S. *Ensinar História hoje: a memória perdida e reencontrada*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.
- GOODSON, I. *Currículo, teoria e História*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. *O currículo em mudança: estudos na construção social do currículo*. Porto: Porto, 2001.
- HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 3. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1994.
- LOWENTHAL, D. *Como conhecemos o passado*. **Projeto História**, n. 17. São Paulo: EDUC, p. 63-200, 1998.
- MEDEIROS, A. B. *Infância (des)velada: um estudo sobre processos de construção de identidades de afro-descendentes*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2001.
- _____. “Quantas noites eu tenho que dormir para acordar no tempo da escola?” *Infância, memória e escola*. Início: 2008. Tese (Doutorado em Educação), PPGE/Universidade Federal de Juiz de Fora. Em andamento.
- MIRANDA, S. R. *A história fora da escola: memórias familiares, saberes e aprendizagens do Tempo*. Juiz de Fora: Fapemig/Propesq, UFJF, 2005-2006.
- _____. *et al. HISTÓRIA E HISTÓRIAS NO PRESENTE: configurações do saber histórico escolar em um currículo em mudança*. Juiz de Fora-MG, 2009. Relatório de pesquisa apresentado à FAPEMIG como conclusão do projeto SHA 1836/06.
- PELIZZONI, G. M. *Jogando as cinco pedrinhas: história, memória, cultura popular, infância e escola*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.
- RÜSEN, J. *História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília, DF: UNB, 2007a.
- _____. *Razão Histórica*. Brasília, DF: UNB, 2001.
- _____. *Reconstrução do passado*. Brasília, DF: UNB, 2007b.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____; RAYMOND, D. *Saberes, tempo e aprendizagem no trabalho do magistério*. Educação & Sociedade, v. 21, n. 73, p. 209-244, dez. 2000.

ZEICHNER, K. *Para além da divisão professor pesquisador e pesquisador acadêmico*. In: GERALDI, Corinta et alii. **Cartografias do trabalho docente**. São Paulo: Mercado das letras, 1998, p. 207-234.